

# Ruy Belo e “a importância misteriosa de existir”

Gastão CRUZ

Poeta e crítico  
*gastaocruz@yahoo.com*

Texto recibido el 17/06/2008

## **RESUMO:**

Este trabalho situa a obra de Ruy Belo dentro do panorama da poesia partindo de alguns dos seus referentes portugueses, como Pessoa, ou estrangeiros, como Eliot; e dá conta dos temas mais significativos do autor, como os místicos, os testemunhais, a morte, a dúvida, o temor da perda, mas sempre com um domínio absoluto da linguagem poética, nomeadamente do ritmo.

**Palavras chave:** Ruy Belo. Poesia portuguesa contemporânea.

## Ruy Belo et “l’importance mystérieuse d’être”

## **RESUMÉ:**

Ce travail montre l’oeuvre de Ruy Belo dans le panorama de la poésie en partant de quelques référents portugais, comme Pessoa, ou référents étrangers, comme Eliot; l’auteur présente aussi les thèmes les plus significatifs de l’écrivain, c’est à dire, les thèmes mystiques, les thèmes testimoniaux, la mort, le doute, la crainte de la perte, toujours avec une domination absolue du langage poétique, notamment du rythme.

**Mots Clefs:** Ruy Belo. Poésie portugaise contemporaine.

A obra de Ruy Belo inicia-se num momento particularmente significativo da poesia portuguesa, quando, na sequência do cruzamento de várias linhas estruturantes da sua evolução, se perspectiva o impulso criador de uma nova linguagem, que tomará forma, com grande evidência, não apenas na produção dos poetas mais jovens, como Ruy Belo, Luiza Neto Jorge, Fíama Hasse Pais Brandão ou Herberto Helder, mas igualmente na de outros, das gerações imediatamente anteriores, como António Ramos Rosa, que começara a publicar na década de 50, ou Carlos de Oliveira, cujos primeiros livros vêm dos anos 40 e se inserem na corrente neo-realista.

O neo-realismo é, precisamente, uma das linhas determinantes a que me referi. Num país que viveu, desde o final dos anos 20 (e até 1974), oprimido por uma ditadura de extrema-direita, com censura, presos políticos, todo o peso de uma moral

retrógrada e, por fim, uma guerra colonial de treze anos, impossível seria que a maioria dos poetas não procurassem exprimir a sua indignação, a sua fúria, ou, simplesmente, a sua análise da realidade adversa que os envolvia, tentando combinar as exigências da linguagem poética com o imediatismo do seu protesto. Na fase inicial, que se situa no início da década de 40, os poetas neo-realistas conseguem, de um modo geral, ser bem sucedidos nessa conciliação, evitando que a sua poesia adquira um tom puramente panfletário.

O aparecimento, apesar de tardio, do movimento surrealista português, perto do final da década, e a poderosa influência que a obra de Fernando Pessoa, publicada, sistematicamente, pela editora Ática, a partir de 1942, então exerce, depressa imprimem uma forte aceleração às profundas alterações que começam a verificar-se no discurso poético português. A modernidade, ou a sua recuperação, como se se assistisse à emergência de um segundo modernismo (a geração da *presença*, uma revista importante, publicada entre 1927 e 1940, reivindicara para si, porém com pouca credibilidade, esse papel de continuadora do primeiro modernismo), torna-se, juntamente com “liberdade”, um conceito-chave no ensaísmo poético dos anos 50, presente, com especial relevo, nas páginas da revista *Árvore* (1951-1953) e na actividade crítica, dentro e fora dela, de António Ramos Rosa, o seu principal director, cujo primeiro livro de ensaios, de 1962, se intitula *Poesia, Liberdade Livre*.

Este breve esboço histórico permitirá compreender melhor como, quando Ruy Belo surge, no começo dos anos 60, a poesia portuguesa continua, acima de tudo, a busca de uma linguagem que possa levar o mais longe possível o ímpeto inovador, proveniente das, ainda muito influentes, linhas modernista e surrealista e, em particular, da herança pessoana, à qual os poetas não podem fugir, mas de que precisam de se defender, se quiserem abrir os seus próprios caminhos e construir autonomamente novas linguagens.

Para muitos, volta a colocar-se também a urgência de uma poesia que corresponda ao sentimento de revolta motivado pela acção do brutal regime político. Mas o espírito de aventura e de pesquisa no domínio da linguagem poética continua a ser, indubitavelmente, o vector dominante, a que tudo o resto se submete.

Ruy Belo é um dos poetas para quem dar testemunho, sem jamais alienar a condição de artista da linguagem, preenche um sector importante da sua produção, nomeadamente em *Boca Bilingue* (1966) e *Homem de Palavra(s)* (1970), onde encontramos poemas com uma fortíssima carga política, como “Morte ao meio-dia”, “Versos do pobre católico”, “Portugal sacro-profano – lugar onde”, “O português futuro” ou “Nós os vencidos do catolicismo”. Reuniria, em 1973, estes e outros textos, de índole semelhante, na antologia *País Possível*, paralela à que, com o título *Grades*, Sophia de Mello Breyner organizou, em 1970, com os seus poemas de resistência.

No primeiro livro, *Aquele Grande Rio Eufrates*, procurara encontrar na experiência de leitura da Bíblia, que fora a sua ao longo de dez anos, a matriz do trabalho como poeta. Numa das três entrevistas que, sob o título geral de “Posição”, aparecem como capítulo inicial do livro de ensaios *Na Senda da Poesia* (1969), declara o seguinte: “Li muito a Bíblia, pelo menos dez minutos por dia, durante dez anos.” E, uma vez, em conversa, aconselhando-me a não me preocupar excessivamente com a indicação exhaustiva de material alheio utilizado nos meus poemas (tratava-se, especificamente, das notas que eu pusera no final de *Outro Nome*, um livro de 1965,

mencionando alguns versos de Camões integrados nesse “poema em dez canções”, e que ele considerava desnecessárias), disse-me: “Não é preciso indicar tudo isso. Sabe?, no meu livro *Aquele Grande Rio Eufrates*, há tanta coisa da Bíblia, que eu já não sei o que é meu e o que é da Bíblia. Os críticos, depois, que descubram”.

No prefácio à segunda edição do seu primeiro livro, datado de 16 de Fevereiro de 1972, um texto admirável e essencial, Ruy Belo afirma:

*No termo de dez anos de uma aventura mística que terminou há dez anos, eu saí para a rua e para o dia-a-dia com este punhado de poemas, com estas palavras que me consentiram escrever nos breves intervalos de um silêncio durante muitos anos imposto, a pretexto de que, de contrário, a minha alma correria perigo, como se eu tivesse uma coisa como alma, como se correr perigo não fosse talvez a minha mais profunda razão de vida.*

É interessante observar como, tendo tido a Bíblia como leitura regular, por razões fundamentalmente religiosas, é desse texto que Ruy Belo retira uma lição e até muita da matéria para a sua estreia poética – tudo, portanto, no plano da criação artística, por ter sido sensível, sobretudo, à beleza e à força de uma linguagem que o redime “de um silêncio durante muitos anos imposto” para a pretensa salvação da sua alma. Dentro do espírito de que o poeta deve assumir as suas influências e considerar naturais a presença e o eco de outras vozes no seu discurso, Ruy Belo diz ainda o seguinte: “Livro, por outro lado, cheio de influências. A única coisa que jamais perdi a um autor foi tê-lo lido, tê-lo até talvez estudado e não haver deixado a menor, a mais indirecta marca em tudo aquilo que escrevi. Bíblia, missais, Eliot, que importa tudo isso?”

Na poesia de Ruy Belo iriam acentuar-se, em breve, algumas das características que já se notavam em *Aquele Grande Rio Eufrates*, ainda que o poeta tenha chegado a considerar que alguma delas poderia, mais tarde, ter-se perdido. Particularmente certa é a sua referência, no mesmo prefácio, a “uma certa ciência do abandono”: “Não vim na verdade adquirindo uma perfeição técnica cada vez maior de livro para livro. Talvez até tenha perdido uma certa ciência do abandono”. Penso, porém, que não só o poeta não perdeu tal ciência, como foi aumentando a perfeição técnica de livro para livro, o que é já especialmente detectável em *Boca Bilingue*, onde, para dar como exemplo um dos seus poemas maiores, “Ácidos e óxidos”, Ruy Belo empreende, com destaque para toda a secção inicial do texto, uma construção baseada numa técnica de modulações, com sucessivos e surpreendentes saltos do discurso, integrados, contudo, num domínio absoluto do ritmo e do sentido poético global:

*É uma coisa estranha este verão  
E no entanto ia jurar que estive aqui  
Não me dói nada, não. A tia como está?  
Claro que vale a pena, por que não?  
Sim, sou eu, devo sem dúvida ser eu  
Podem contar comigo, eu tenho uma doutrina  
Não é bonito o mar, as ondas, tudo isto?  
Até já soube formas de o dizer de outra maneira*

Todo o poema se estrutura num certo “abandono” do discurso, com permanentes derivações e inflexões do rumo, lembrando, de alguma maneira, o tipo de descontinuidade que encontramos num poema como “The love song of J. Alfred Prufrock” de T. S. Eliot:

*I grow old... I grow old...  
I shall wear the bottoms of my trousers rolled.  
Shall I part my hair behind? Do I dare to eat a peach?  
I shall wear white flannel trousers, and walk upon the beach.  
I have heard the mermaids singing, each to each.  
I do not think that they will sing to me.*

Eliot é, como vimos, uma influência que Ruy Belo aceita no que se refere ao seu livro de estreia. Ela estende-se, claramente, pelo menos, até ao segundo, *O Problema da Habitação – Alguns Aspectos*, publicado em 1962.

Não menos importante é, também para a poesia do primeiro livro, a caracterização de “metafísica”, embora o autor igualmente reivindique uma profunda inserção no “real quotidiano”, que, pela voz de Cesariny, o surrealismo português procurara já “reabilitar”. Cito, do já referido prefácio: “Poesia metafísica a deste livro? Decerto. Mas também – e não faltou quem o visse e o dissesse e me fizesse tomar consciência disso – poesia do quotidiano, onde de certa maneira sobressai um real que sucessivamente chega até nós, dessa forma humilde e comezinha que convém à realidade”. Neste sentido, para além da que resulta do entendimento do autor de “Tabacaria” como mestre e modelo de modernidade, não nos poderá surpreender a forte aproximação de Ruy Belo a Pessoa, pesquisador incansável, e profundamente céptico, de um “sentido da vida”, inquirição que constitui porventura o móbil central da escrita de ambos os poetas. Na segunda das entrevistas que servem de abertura a *Na Senda da Poesia*, Ruy Belo declara:

*Tenho reagido às injustiças que vejo à minha volta e, como a poesia é por natureza revolucionária – renovação da sensibilidade, da linguagem –, não é de estranhar que por vezes sublinhe temas ou motivos participantes. A realidade imediata não me absorve, porém, de tal maneira, que não me continue a preocupar por exemplo o sentido da vida.*

Julgo que é neste ponto que reside a grandeza da poesia de Ruy Belo: a sua fidelidade ao real não se traduz numa abordagem superficial do mundo, fazendo-se em função de dois objectivos maiores – a constante interrogação acerca do enigma que ele sempre constitui para um poeta e a consciência de que a formulação de tal pergunta terá de ser feita numa linguagem renovada, já que “a poesia é por natureza revolucionária”. Num texto que poderemos considerar uma das mais perfeitas definições da indefinível natureza da poesia e uma das mais agudas reflexões acerca da sua própria obra, a carta de 1915 a Armando Cortes-Rodrigues, Fernando Pessoa escreveu o seguinte:

*Chamo insinceras às cousas feitas para fazer pasmar, e às cousas, também – repare nisto, que é importante – que não contêm uma fundamental ideia metafísica,*

*isto é, por onde não passa, ainda que como um vento, uma noção de gravidade e do mistério da Vida. Por isso é sério tudo o que escrevi sob os nomes de Caeiro, Reis, Álvaro de Campos. Em qualquer destes pus um profundo conceito da vida, diverso em todos três, mas em todos gravemente atento à importância misteriosa de existir.*

Provavelmente nenhum outro poeta, além de Pessoa, esteve, no século XX português, tão “gravemente atento à importância misteriosa de existir” como Ruy Belo. Por isso o tema da morte ocupa um lugar determinante na sua poesia. Só quem procura desesperadamente reter a vida, e cada um dos seus momentos, sabendo que não o conseguirá jamais e temendo que presente, passado e futuro se fundam num só tempo abstracto e irredimível (e aqui regressaremos, inevitavelmente, a Eliot: “If all time is eternally present/All time is unredeemable”), entende a importância dela, na sua efemeridade. “Entramos no inverno. Quantos são?/Tenho uma vasta obra publicada/e tenho a morte em preparação” – assim termina o poema “Mudando de assunto”, de *Homem de Palavra(s)*. Na verdade, a vida inteira é uma preparação da morte e a alegria de cada instante é uma coisa (uma causa) antecipadamente perdida – no poema “Na colina do instante” (*Transporte no Tempo*, 1973) podemos ler: “Por instantes sou eu ninguém morreu aqui/ó minha vida esse processo que perdi”. Isto conduz-nos àquele que é talvez o tema central da poesia de Ruy Belo: o temor da perda, que faz viver, antes do tempo, tanto aquilo que ainda se não tem, mas profundamente se deseja ter e sentir, como o seu desaparecimento. Um dos poemas em que, com mais extraordinário poder artístico, o autor nos põe perante uma situação com estas características é “Muriel”, de *Toda a Terra* (1976):

*Às vezes se te lembras procurava-te  
retinha-te esgotava-te e se te não perdia  
era só por haver-te já perdido ao encontrar-te [...]  
Mas o preço que pago por te ter  
é ter-te apenas quanto poder ver-te  
e ao ver-te saber que vou deixar de ver-te [...]  
Mesmo agora te vejo e mesmo ao ver-te não te vejo  
pois sei que dentro em pouco deixarei de ver-te [...]  
Eu chegava primeiro e tinha de esperar-te  
e antes de chegares já lá estavas  
naquele preciso sítio combinado  
onde sempre chegavas sempre tarde  
ainda que antes mesmo de chegares lá estivesses  
se ausente mais presente pela expectativa [...].*

No mesmo poema, Ruy Belo desenvolve a ideia de que “a felicidade para nós possível/é sempre a que julgamos que há nos outros”, o que não pode deixar de fazer-nos recordar a seguinte passagem do poema de Álvaro de Campos “Ao volante do *Chevrolet* pela estrada de Sintra”:

*À esquerda lá para trás o casebre modesto, mais que modesto.  
A vida ali deve ser feliz, só porque não é minha.  
Se alguém me viu da janela do casebre, sonhará: Aquele é que é feliz.*

O autor de *Boca Bilingue* encontrou, na visão do mundo pessoana (e refiro-me a Pessoa como o todo que ele é), traços com que se sentiu totalmente identificado. A dúvida, que atravessa a sua poesia (“Mas sabia e sei que um dia não virás/que até duvidarei se tu estiveste onde estiveste/ou até se exististe ou se eu mesmo existi/ pois na dúvida tenho a única certeza” – lemos, ainda, no poema “Muriel”), é uma presença igualmente forte em Pessoa: “E eu era feliz? Não sei:/Fui-o outrora agora.”; ou “Ao longe, ao luar,/No rio uma vela,/Serena a passar,/Que é que me revela?//Não sei, mas meu ser/Tornou-se-me estranho.[...]/” “Que angústia me enlaça?/Que amor não se explica?/[...]” Repare-se como a questão da felicidade está igualmente no centro da difícil gestão do próprio facto de “existir”, quando a resposta à pergunta sobre a possível felicidade de um passado distante é “Não sei” e a feliz serenidade da contemplação de uma simples imagem é posta em causa pela estranheza súbita de quem a observa e por uma angústia que insidiosamente se instala e constrange.

Uma vontade de plena adesão ao real, frustrada, por vezes, talvez sobretudo pela insegurança que a consciência da sua transitoriedade transporta, leva a que a confiança na possibilidade de fixar sensações e sentimentos e de elaborar uma ideia de vida seja problemática e intermitente. No poema “Nada consta”, de *Homem de Palavra(s)*, pode ler-se: “Continuo a dizer: se alguma coisa há/que podias perder e ainda não perdeste/de que já a perdeste podes estar certo”. E:

*Poucas coisas importantes pensei durante a vida  
uma mesa de sol em pleno inverno  
um mar incontroverso alguns papéis  
– continua a faltar-me a folha cinco –  
pois apesar de tudo nada consta.*

O sol e o Verão são imagens frequentemente perseguidas na poesia de Ruy Belo. Porém, como vimos, é “em pleno inverno” que o poeta procura “uma mesa de sol”. Porque: “Quem me dera o inverno. Talvez lá faça sol/e eu sinta aflitivas saudades do verão: uma estação na outra é a autêntica estação.” (“A autêntica estação”); ou: “Espero pelo verão como por outra vida/no inverno é que o verão existe verdadeiramente.” (“Da poesia que posso”). Neste último poema encontramos o seu preito maior a Pessoa:

*Manhã ou tarde? primavera ou outono?  
Não sei pouco me importa  
Pouco me importa o quê? Não sei  
(o resto vem no pessoa  
Pessoa é o poeta vivo que me interessa mais).*

Coube a Ruy Belo, com estes versos, pôr um ponto final na relação, nem sempre fácil, que, principalmente na década de 50, se estabelecera entre o peso do legado de

Pessoa e os poetas das novas gerações: Eugénio de Andrade, por exemplo, não obstante a sua enorme admiração pelo mestre modernista, achara que, por uma questão de sobrevivência, teria de escrever “de costas voltadas para ele”, enquanto Cesariny decidira, pontualmente, homenageá-lo com *Louvor e Simplificação de Álvaro de Campos*.

Por parte de Ruy Belo, houve, como já vimos, uma identificação mais estreita, de natureza porventura idêntica à que se gerara com Eliot e com a Bíblia. De alguma forma, o modelo pessoano permitiu a Ruy Belo aprofundar a sua própria autonomia como poeta, em dois pontos essenciais: levar às últimas consequências toda a imensa liberdade que o modernismo trouxera à poesia portuguesa; valorizar a leitura da vida como coisa que é e não é simples:

*Eu morro qualquer dia e pouco sei da vida  
É perigosa a vida a simples vida  
a vida a simples vida é violenta.*